

# **&CIDADE SOCIEDADE**

As tramas da prática  
e seus espaços

## CONSELHO EDITORIAL

*Coordenador:* Vinicius M. Netto

Adauto Cardoso – IPPUR-UFRJ  
Clara Irazábal – Columbia University  
Eduardo Marques – USP  
Eugenio Queiroga – USP  
Fernanda Furtado – UFF  
Frederico de Holanda – UnB  
José Pessoa – UFF  
Jovanka Scocuglia – UFPB  
Luiz Amorim – UFPE  
Paola Berenstein Jacques – UFBA  
Rodrigo Firmino – Urbe|PUC-PR  
Vera Tângari – UFRJ  
Wrana Panizzi – UFRGS

---

# &CIDADE SOCIEDADE

As tramas da prática  
e seus espaços



*Editora Sulina*

**Vinicius M. Netto**

© Autor, 2014

Capa:

Maíra Pinheiro e Vinicius M. Netto

Pintura de capa: "Lilith" por Anselm Kiefer

© Tate Modern, London

Editoração:

Vânia Möller

Revisão:

Matheus Gazzola Tussi

Revisão gráfica:

Miriam Gress

Editor:

Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP  
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

N476c Netto, Vinicius M.  
Cidade & sociedade: as tramas da prática e seus espaços / Vinicius M. Netto. --  
Porto Alegre: Sulina, 2014.  
431p. (Coleção Espaço e Urbanidade)

ISBN: 978-85-205-0677-6

1. Arquitetura. 2. Planejamento Urbano. 3. Política Urbana. I. Título.

CDU: 711.4

72

CDD: 710

720

---

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim

Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (51) 3311-4082

Fax: (51) 3264-4194

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Junho/2014

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

*Lembrando Le Goff,*

*por amor às cidades.*

*Para Roger, Andrei e Régis.*



*O espaço é o que estava morto, fixo, não dialético, imóvel.  
Em compensação, o tempo era rico, fecundo, vivo, dialético.*

Michel Foucault, *A Microfísica do Poder*, 1980.

*A maioria dos cientistas sociais trata tempo e espaço como meros ambientes da ação  
[...] O espaço não é uma dimensão vazia na qual agrupamentos sociais se estruturam;  
ele deve ser considerado na própria constituição dos sistemas de interação.*

Anthony Giddens, *A Constituição da Sociedade*, 1984.

*As imagens do espaço são os sonhos de uma sociedade. Onde quer que o código  
do espaço esteja decifrado, lá se encontrarão as fundações da realidade social.<sup>1</sup>*

Siegfried Kracauer, *Über Arbeitsnachweise*, 1929.

---

<sup>1</sup> “Most social analysts treat time and space as mere environments of action [...] Space is not an empty dimension along which social groupings become structured, but it has to be considered in terms of its involvement in the constitution of systems of interaction. (Giddens 1984:110; 368); “Die Raumbilder sind die Träume der Gesellschaft. Wo immer die Hieroglyphe irgendeines Raumbildes entziffert ist, dort bietet sich der Grund der sozialen Wirklichkeit dar” (Kracauer, 1990 [1929]). Traduções do autor.





11	<b>Agradecimentos</b>
15	<b>Apresentação</b> – por Wrana Panizzi
19	<b>Introdução: Em busca dos entrelaces do social e do espacial</b>
	<b>SOCIEDADES COMO SISTEMAS DE ENCONTRO: a segregação sobre o corpo</b>
39	A restrição da interação e as tramas do afastamento social
67	Classes sociais, mobilidades e a apropriação do espaço urbano
87	Redes sociais na cidade, ou a condição urbana da coexistência
	<b>SOCIEDADES COMO SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO: espaço, significado e prática social</b>
127	Comunicação e espaço
161	Entre espaços urbanos e digitais
189	Urbanidade e a condição do Outro
227	A (re)conquista da cidade: <i>polis</i> e esfera pública
	<b>SOCIEDADES COMO SISTEMAS DE INTERAÇÃO MATERIAL: forma e dinâmica urbana</b>
265	Os efeitos sociais da arquitetura
317	A forma urbana como problema de desempenho
365	A materialidade da interação econômica
397	<b>Posfácio</b> – por Frederico de Holanda
403	<b>Créditos das publicações originais</b>
405	<b>Créditos das imagens</b>
407	<b>Referências</b>
425	<b>Índice remissivo</b>



## Agradecimentos

Escrever os agradecimentos em um primeiro livro não é tarefa fácil: há um número de pessoas a endereçar – a iniciar pelo editor Luis Gomes, pelo seu interesse neste trabalho e no tema urbano, e por seu acompanhamento ao longo da preparação deste livro. Agradeço também aos editores que gentilmente permitiram a reprodução de textos publicados originalmente em seus periódicos, bem como aos autores de imagens utilizadas nos capítulos a seguir. Agradeço imensamente ao pintor Anselm Kiefer por ter cedido sua brilhante obra *Lilith* para ilustrar a capa deste livro. *Lilith* é a visão de um pintor alemão impactado por São Paulo. Desde que a vi, ela pareceu capturar tanto da complexidade, da fusão e choque de materialidades, das tensões e esforços da vida coletiva e da comunicação que vejo na relação entre cidade e sociedade; agradeço ainda a Eva könig, do Atelier de Kiefer, e a Tate Modern pela liberação da reprodução de um trabalho que me acompanha há anos.

Gostaria de retornar no tempo e creditar a Alejandro Jelvez o apoio na definição dos passos que me levaram a dedicar-me a esses temas em uma carreira como pesquisador e professor. Não posso enfatizar o suficiente sua importância como um guia. Quero mencionar também Luciana Fonseca e duas colegas de aspirações em pontos-chave desse caminho, Niara Palma e Joana Barros.

Em meu retorno ao Brasil, passei a trabalhar com colegas estimados como Paulo Reyes e Fernando Duro, entre outros, e a conviver com Carlos Bahima e Ana Carolina Pellegrini, professores que encarnam para mim o que Pérez-Gómez chama *filia*, o envolvimento afetivo com a arquitetura.

Desde que a li, uma frase de Emerson (“mantenha sob os olhos os melhores exemplos”) tem me pautado de algum modo. Romulo Kraf-ta tem sido meu interlocutor mais constante até aqui, e o contraponto mais valioso. Ainda na graduação, recebi dele ideias que me permitiram explorar a elusividade das ligações entre o social e o espacial. Este livro, com peças da produção inicial de um pesquisador, deve muito ao nosso

cientista urbano. Quero mencionar Bill Hillier, pela dedicação incansável a sua teoria e pelo convívio que me colocou em outro patamar de clareza quanto à compreensão do mundo material e do tema urbano. Aqueles anos de diálogo serão sempre lembrados por mim. Tenho tido com Frederico de Holanda muitas interseções ao longo desses anos, e ele tem sido, desde o começo, uma fonte de motivação. Agradeço também pelo Posfácio que oferece a este livro, onde irá discutir criticamente alguns dos conceitos que aqui apresento. Wrana Panizzi foi minha professora ainda na graduação, diplomou-me como arquiteto e urbanista e é um exemplo de atuação. Tenho o privilégio de ter sua Apresentação neste livro. Mais recentemente, tenho tido a alegria de comunicar-me regularmente com Clara Irazábal, querida colega venezuelana atuando hoje em Nova York, que oferece um generoso comentário na contracapa deste livro. Gostaria de agradecer ainda a Eva Samios, por sua presença no início da minha atividade de pesquisa, e a Circe Monteiro, quem conheci pessoalmente há pouco, mas que tem estado próxima desde aqueles primeiros passos.

Por minha recepção na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, cujo Departamento de Urbanismo teve, entre outros, a contribuição do inspirador Carlos Nelson dos Santos, agradeço a meus colegas e, em particular, a Fernanda Furtado, José Pessôa, Cristina Nacif, Thereza Carvalho, Werther Holzer, Maria Lais Pereira, Gerônimo Leitão, Leonardo Mesentier, Sérgio Bahia, Jorge Baptista e Maria de Lourdes Costa; e a Regina Bienenstein, por nosso convívio e experiências em planejamento, que me proporcionaram um aprendizado valioso.

Tenho tido a sorte de ter a companhia de dois amigos no debate e criação de abordagens de pesquisa, Renato Saboya e Julio Vargas. Agradeço ainda a nossos colegas da rede @urbanidade, um grupo de discussão com participantes em todo o Brasil e algumas universidades no exterior – entre eles, Douglas Aguiar, estimado professor em minha formação e criador do grupo, e Paulo Rheingantz e Luciana Andrade, entre tantos. Quero ainda mostrar minha satisfação pelo convívio com Leonardo Name, Adriana Caúla, Chris Gaffney, entre outros novos amigos nesse início de vivência e trabalho no Rio de Janeiro; e a meus jovens colegas de pesquisa Roberto Paschoalino, Maíra Pinheiro, Saulo Macedo, Mirella Furtado, Julia Cantarino e João Meirelles. Nossas trocas têm alimentado meu trabalho em direções distintas.

No Rio, encontrei um apoio bem-vindo em Rejane Godoy e Domício Proença Filho, com quem discuto e aprendo a velha arte do livro – como diz Domício, falando da rotina de quem escreve e pesquisa, “é hora de fazer livro!”.

Tenho sido constantemente estimulado pelo diálogo com meus alunos. Quantas foram as vezes em que saí de aula mais motivado do que quando entrei. Não saberia contar. Estou permanentemente em débito, pelo privilégio de participar de suas redescobertas da cidade, de novo e de novo, a cada semestre.

Em um primeiro livro, também é apropriado lembrar das condições e das pessoas que formaram o contexto para que se chegasse até ele. Em primeiro lugar, havia um apreço pelo livro em meu entorno. Cresci tendo o livro como objeto de atenção, valor, vida (interior, parecia então, mas pulsando). Essa era a visão de minha mãe. Livros importavam. Estavam à volta. Entendo hoje que livros, em qualquer forma, são projeções de anos de vida. Mesmo um pequeno armário cheio de livros é um caleidoscópio de fragmentos de consciências materializadas nas palavras – milhões de palavras. Muita vida junta; como não se sentir mesmerizado pelo livro?

Lembro ainda que passei minha infância em uma cidade pequena do interior do Rio Grande do Sul. Pude explorar aquela cidade livremente. Parecia um universo. Naquela cidade havia essa escola pública onde estudei, o Colégio Rui Barbosa. Nos seus corredores havia essa espécie de fantasma, uma imagem evocada aqui e ali nas palavras de algumas professoras (as mulheres cuidavam de nossa educação) a respeito de uma pessoa tida como exemplar em sua capacidade: o patrono da escola. Mesmo sem conhecer o contexto daquele homem, entendi que o que nossas professoras queriam mesmo dizer era que aquela capacidade estava ao nosso alcance, ela era uma possibilidade, não nos era algo alheio. Ou assim reconstruí na memória, pouco importa. Me sinto em dívida com aquelas professoras. Os livros de minha mãe, aquela cidade a explorar sem receios na infância e aqueles valores de apreciação ao esforço da compreensão e ação foram o meu contexto inicial.

Trinta anos depois, sintetizo aqui peças do meu próprio esforço: descrições, tentativas de entendimento, projeções da minha consciência a partir de tantas outras. Luhmann estava certo: consciências não morrem, elas circulam na forma de significados. Este é meu primeiro

punhado de significados reunidos na forma do livro. “É o momento mais importante!” recebi com exclamação e tudo de um mestre. Espero que esses significados e ideias façam ideias melhores do que essas surgirem. Se for essa sua sorte, este livro terá cumprido seu papel.

Quero endereçar agora a minha família. Os laços que tenho com meus irmãos são, para mim, inquebráveis, e os sabemos mais importantes que as tensões que separam tantos. Minha mãe e avó têm conosco um envolvimento de natureza que escapa a minha compreensão. A vocês quero expressar meu reconhecimento fundo por um amor (constante), por um passado (que me constitui), e por todos os presentes.

Finalmente, Lilian, meu Outro esperado, mas cuja chegada – lembro aqui Derrida – era a mim imprevisível. A ela, o futuro que vislumbro.

Meus coautores Roberto Paschoalino, Maíra Pinheiro e Romulo Krafta aparecem creditados nos devidos capítulos. Por suas contribuições, minha apreciação.

Vinicius M. Netto,  
Rio de Janeiro, abril de 2014.

O convite do professor Vinicius Netto para apresentar, nas suas palavras, o seu primeiro livro autoral, mais do que me proporcionar uma grande emoção, me trouxe uma imensa alegria e honra. A “honra pode ser imerecida, a alegria nunca o é”, dizia Roland Barthes. E a alegria aqui é a do reencontro com um aluno, hoje jovem professor universitário, colega de vida acadêmica.

Conheci o professor Vinicius nos anos 1990, como estudante do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os anos passaram e fui assumindo outras atividades profissionais e acadêmicas já não mais na Faculdade de Arquitetura, mas na Reitoria da UFRGS e, mais tarde, junto à direção do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Assim, de certa forma “perdi de vista o Vinicius”. Mais recentemente, tivemos um rápido encontro quando estive na Universidade Federal Fluminense (UFF) para proferir uma palestra – como vice-presidente do CNPq – sobre a Política Brasileira de Ciência, Tecnologia e Inovação, seus programas e ações e os desafios do desenvolvimento econômico, social e territorial do país. Diante de mim já estava um jovem professor cuja brevidade do contato não me permitiu bem conhecer suas atividades, interesses e encaminhamento profissional. Agora, entretanto, com o desafio de “apresentar” o seu livro, me deparo com uma agradável surpresa. O jovem estudante de então não se tornou um arquiteto *stricto sensu*, mas enveredou também pelo caminho da docência e da investigação. Hoje, é um conhecido, dedicado e promissor professor universitário da UFF.

E o que chama a atenção é o fato de que Vinicius se tornou um entusiasmado com o seu trabalho de ensinar e pesquisar, comprometido com uma profissão que atualmente enfrenta o grande embate de “retomar” o encantamento e as expectativas que este fazer gera junto aos jovens estudantes e sobretudo junto à sociedade. Expectativas de

uma real e justa inserção nos processos de crescimento econômico, social e cultural.

Os temas de pesquisa do autor são abrangentes, diversificados e de caráter interdisciplinar. Transita pelas questões de análise espacial, geografia urbana, natureza do espaço, relações e práticas sociais, segregação social, vida urbana, instrumental de intervenção territorial. Trata do espaço e da sociedade. E o faz fundamentado na ideia de movimento, bem como no caráter fluido e mutável de que se reveste o espaço. O nosso saudoso Milton Santos, no seu livro *Metaforfoses do Espaço Habitado*, publicado em 1988, já dizia:

O espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas. Eis porque sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades: a natureza e a sociedade, mediatizadas pelo trabalho. Não é o espaço, portanto, como nas definições clássicas de geografia, o resultado de uma interação entre o homem e a natureza bruta, nem sequer um amálgama formado pela sociedade de hoje e o meio ambiente. O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento.

Nessa perspectiva, o trabalho aqui apresentado tem como tema central de pesquisa “a cidade como *milieu* de nossa realidade social e material, e das relações e tensões internas de um mundo social que se materializa mais e mais na forma de vida urbana”, assim diz seu autor. E, mais ainda, salienta que a diretriz norteadora dos textos encontra apoio na ideia de que “mesmo em meio a imprevisibilidades e contingências nessa trama de materialidades, há implicações mútuas entre atos e seus espaços”.

O livro, em suas diferentes partes e capítulos, trata de forma densa os temas propostos, que são bem fundamentados, escritos de maneira cuidadosa, posicionados e abertos, inquisitivos e reflexivos. Abarca uma consulta bibliográfica diversificada e constituída por reconhecidos autores nacionais e internacionais. Enfim, é um trabalho de fôlego e contribui com uma aprofundada análise para uma melhor explicitação das relações cidade-sociedade.



Destaco, ainda, a observação de que Vinicius leva a sério e pauta o seu trabalho de pesquisa a partir das exigências do modo contemporâneo de produção do conhecimento. Este não só exige um trabalho contínuo, compartilhado e interdisciplinar. E, neste sentido, ele mantém um amplo conjunto de relações profissionais interinstitucionais que agrega professores, pesquisadores e alunos vinculados ao mesmo campo de estudos. Mas, também e sobretudo, tem claro o contrato social que preside a instituição universitária hoje, em que as atividades de formação acadêmica e profissional devem estar enraizadas nas relações Universidade-Estado-Sociedade. Os trabalhos do autor, o livro aqui apresentado, bem como o conjunto grande de artigos e capítulos de livros, revelam as características que são demandadas de um professor: fazer do seu trabalho um ofício de pensar que permita unir reflexão e ação, nascedouro de ideias inovadoras. Talvez valha a pena lembrar o que Saramago escreveu, no seu blog, no dia de sua morte:

“Falta-nos reflexão,  
pensar,  
precisamos do trabalho de pensar, e  
parece-me que, sem  
ideias, não vamos a  
parte nenhuma!”

Eis aqui uma rica oportunidade para reflexão e construção de novas ideias. Boa leitura!

Porto Alegre, março de 2014.  
Wrana Panizzi